

O CONCEITO DE HOLISMO EM ÉTICA AMBIENTAL E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Mauro Grün (Universidade de Caxias do Sul – UCS) e (Universidade Luterana do Brasil – ULBRA).

RESUMO:

No entanto, pretendo argumentar que a proposta de desenvolver posturas holistas em Educação Ambiental tem sido aceita apressadamente por grande parte dos educadores e educadoras. O atual prestígio que o enfoque holístico desfruta em Educação Ambiental e Ética Ambiental têm contribuído para que tal postura seja aceita como uma solução para o trabalho em Educação Ambiental sem maiores questionamentos. Não é minha intenção simplesmente negar a importância que as abordagens holistas podem ter no âmbito da Educação Ambiental e da Ética Ambiental. Nossa meta é alertar para alguns problemas éticos, políticos e epistemológicos que podem surgir com a aceitação pura e simples do Holismo sem uma reflexão mais cuidadosa sobre seus pressupostos.

ABSTRACT:

I want to argue that the proposal to develop holistic approaches has been accepted without questioning the assumptions of this posture. The current prestige of the holistic approach in Environmental Education and Environmental Ethics has contributed in the sense that this approach is accepted as a solution to environmental problems. I do not deny the importance of holism in Environmental Education. My aim is just to point out to some ethical, political and epistemological problems that can arise from the acceptance of holistic approaches without a careful examination.

PALAVRAS- CHAVE:

Holismo – Antropocentrismo - Ética.

Este trabalho consiste, basicamente, em uma investigação sobre o conceito de holismo em Educação Ambiental e Ética Ambiental. O problema ecológico não é somente um problema técnico, mas é também um problema ético. Uma vasta literatura no campo da

Ética Ambiental tem identificado o Antropocentrismo como um dos elementos responsáveis pela devastação ambiental. Podemos citar (Merchant, 1992; Sessions, 1995; Sale, 1996; Fox, 1995; Naess, 1995 e especificamente no Brasil algumas traduções para o português dos trabalhos de Capra (1982, 2000). Além dos trabalhos de Grün(2002), Carvalho (2002), Unger (1991 e 1992), Flickinger (1994a, 1994b). Esses autores têm enfoques variados sobre como fazer frente à crise ecológica, mas todos concordam em um ponto: o antropocentrismo – a postura que apregoa que o ser humano é o centro de tudo - seria o pivô da crise ecológica.

A filosofia de René Descartes (1596 – 1650) é importante para compreender como o Antropocentrismo se firmou no mundo moderno. A separação entre sujeito e objeto e Natureza e Cultura é apontada como um dos principais motivos da devastação ambiental. A mente (*res cogitans*) e a matéria (*res extensa*) são completamente distintas: Para Descartes “a mente que indaga é o local da verdade sobre o mundo natural. Paradoxalmente, a *res cogitans* de Descartes era uma mente sem corpo, que estava fora da natureza” (Oelschlaeger, 1991, p.87). Em uma passagem do *Discurso do Método* famosa pelo seu antropocentrismo, Descartes diz que através de suas descobertas relativas à Física seria

“possível chegar a conhecimentos que sejam úteis à vida, e que, em lugar dessa Filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma Filosofia prática, pelo qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos mistérios de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são adequados e, assim, tornar-nos como senhores e possuidores da natureza” (1998, p.79).

Esta visão antropocêntrica influenciou fortemente a educação moderna. Em meu trabalho *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*, saliento que “toda a estrutura conceitual do currículo e, mais especificamente, o livro-texto, inocentemente continuam a sugerir que seres humanos são a referência única e exclusiva para tudo mais que existe no

mundo”(Grün, 2002, p.46). O ideal Cartesiano de que seríamos “Senhores e Possuidores da Natureza” e que esta existiria unicamente em função de nós humanos é confirmado por Merchant (1990) que chega mesmo a afirmar que as filosofias mecanicistas de Mersenne, Gassendi e Descartes se afirmaram como uma forte reação ao naturalismo e vitalismo. Em *The Death of Nature*, a autora afirma que os mecanicistas “transformaram o corpo do mundo e sua alma fêmea, fonte de atividade no cosmos orgânico, em um mecanismo de matéria inerte em movimento...” (1990, p.195). A partir do séc. XVII as ciências pós-Cartesianas continuam esse processo que Gadamer (1988) denomina de objetificação do mundo natural, ou seja, tornar a Natureza um simples objeto à disposição da razão humana.

Outro problema epistemológico derivado do antropocentrismo cartesiano é a fragmentação do “objeto” de pesquisa. A fragmentação do objeto nos impede de ter uma visão complexa do meio ambiente em Educação Ambiental e Ética Ambiental. O antropocentrismo fica evidente na tentativa de Descartes de conferir autonomia à razão que faz do mundo um objeto manejável. A unidade da razão (autonomia) se dá através da divisibilidade (fragmentação) do mundo físico. Em uma passagem das *Meditações*, Descartes diz que

“Para começar, pois, este exame, noto aqui, primeiramente, que há grande diferença entre espírito, pelo fato de ser o corpo, por sua própria natureza, sempre divisível e o espírito inteiramente indivisível. Pois, com efeito quando considero meu espírito, isto é, eu mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa que pensa, não posso aí distinguir partes algumas, mas me concebo como uma coisa única e inteira... Mas ocorre exatamente o contrário com as coisas corpóreas ou extensas: pois não há uma sequer que eu não faça facilmente em pedaço por meu pensamento, que meu espírito não divida mui facilmente em muitas partes e, por conseguinte, que eu não reconheça ser divisível” (Descartes, 1983, p.139).

Assim, tanto a objetificação quanto a fragmentação da Natureza são fruto de um mesmo processo. A objetificação e fragmentação da Natureza resultam da busca da

autonomia da razão. Isso é o que em *Educação Ambiental e Ética Ambiental*, Grün (2002) denomina de antropocentrismo, ou seja, o princípio segundo o qual o ser humano é o centro do Universo. Capra (1982, 2000) em seus trabalhos amplamente divulgados no Brasil propõe uma visão holística como novo paradigma para a educação. Em *What is ecological literacy*, opondo o modelo reducionista cartesiano-newtoniano ao novo paradigma holístico, Capra (1993) observa que: “Sistemas vivos incluem mais que organismos individuais e suas partes. Eles incluem sistemas sociais – família ou comunidade - e também ecossistemas. Muitos organismos estão não apenas inscritos em ecossistemas, mas são eles mesmos ecossistemas complexos, contendo organismos menores que têm considerável autonomia e estão integrados harmonicamente no todo. Todos esses organismos vivos são totalidades cuja estrutura específica surge das interações e interdependência de suas partes”(p.45).

Merchant (1992) acredita que a visão de mundo mecanicista originada a partir da filosofia de Descartes seria uma das grandes responsáveis pela devastação ambiental. Sessions (1995) defende que o Ecocentrismo seria uma saída apropriada para os impasses causados pelo antropocentrismo. Já Sale (1996) argumenta que para vencer o antropocentrismo necessitamos de uma abordagem bioregional, voltada para a região específica na qual vivemos. A bioregião, por sua vez, deveria estar conectada com o todo de Gaia. A tese de Fox (1995) é que precisamos de uma ecologia Transpessoal capaz de nos reintegrar à Natureza. O trabalho pioneiro de Naess (1995), fundador da Ecologia Profunda, também apregoa que uma reintegração do ser humano com a Natureza poderia representar uma alternativa ao antropocentrismo. Whitehead (1978), por sua vez, argumenta que o ser humano não é o centro do universo, mas apenas uma parte dos processos naturais. Apesar da diversificação desses enfoques existem pelo menos dois pontos comuns a todos esses **autores: 1)** Todos consideram que o antropocentrismo engendra atitudes anti-ecológicas. **2)** Esses autores/as consideram que uma postura Holística proporciona a solução mais adequada para a crise ecológica. Em outro trabalho (Grün, 2002) eu argumento que o modelo cartesiano é ‘reducionista, fragmentário, sem vida e mecânico. (...) Ora, então precisamos de um modelo ou matriz normativa que não seja reducionista, fragmentário, sem vida e mecânico, mas que seja complexo, holístico, vivo e orgânico. E é justamente a

partir dessa configuração que o *holismo* surge como um discurso privilegiado e dotado de grande prestígio político, social e agora, também científico” (p.63) Mais adiante afirmo (Grün, 2002) que “não seria fácil e talvez nem mesmo apropriado tentarmos elaborar uma definição precisa do que seja o holismo no contexto da educação ambiental. Seu significado é complexo e atinge múltiplas dimensões de nossa cultura. Mas, de acordo com Worster (1992) ‘qualquer que seja o nível de sofisticação ou grau precisão de definição, o holismo tem sido oferecido como mais do que uma simples crítica à ciência. Ele tem sido advogado por todos aqueles que sentem um intenso desgosto diante da fragmentação da cultura industrial e de seu isolamento da natureza (p.21).

No entanto, pretendo argumentar que a proposta de desenvolver posturas holistas em Educação Ambiental tem sido aceita apressadamente por grande parte dos educadores e educadoras. O atual prestígio que o enfoque holístico desfruta em Educação Ambiental e Ética Ambiental têm contribuído para que tal postura seja aceita como uma solução para o trabalho em Educação Ambiental sem maiores questionamentos. Não é minha intenção simplesmente negar a importância que as abordagens holistas podem ter no âmbito da Educação Ambiental e da Ética Ambiental. Nossa meta é alertar para alguns problemas éticos, políticos e epistemológicos que podem surgir com a aceitação pura e simples do Holismo sem uma reflexão mais cuidadosa sobre seus pressupostos.

Em Educação Ambiental e Ética Ambiental grande parte das filosofias holistas pretendem integrar o ser humano à Natureza como solução para a crise ambiental. Os seres humanos seriam parte da Natureza. Um dos maiores problemas éticos e epistemológicos de algumas dessas posturas é que estaríamos de tal modo “integrados” à Natureza que não seria mais possível fazer nenhuma distinção entre Natureza e Cultura. Isso cria alguns problemas para a conservação ambiental. Vejamos o que ocorre. Um exemplo de holismo bastante comum e largamente aceito na literatura sobre Ética Ambiental é a filosofia dos processos que tem origem em Whitehead. Para Whitehead (1978) os seres vivos são caracterizados unicamente como processo e não como indivíduos. Palmer (1998) adverte que isso implica em dois problemas: 1) Os indivíduos humanos podem perder a sua identidade ao tornarem-se indistinguíveis dos processos naturais. 2) A Natureza perderia a

sua alteridade. Em outra variante do holismo, *A Ecologia Transpessoal* de Warwick Fox (1990), também muito citada na literatura em Ética Ambiental, propõe a noção de um self estendido que paulatinamente iria se integrando à Natureza e até mesmo ao Cosmos. O self humano se expande a tal ponto que praticamente se dissolve na Natureza. Naess (1995) e sua *Ecologia Profunda* também acabam por dissolver a idéia de um self individual na Unidade da Natureza. Sylvan (1985), Dobson (1990) e Palmer (1998) têm criticado essas posturas holistas, pois quando analisadas criticamente elas revelam ser posturas que ainda estão ligadas ao antropocentrismo que tanto criticam uma vez que, em última análise, essas posturas holistas “humanizam” a Natureza e até mesmo o Universo. A Natureza perde sua alteridade. Algumas versões do holismo como as de Whitehead (1978), Fox (1995), Naess (1995) e Capra (1982, 2000) falham ao desconsiderar o respeito às diferenças. As distinções entre Natureza e Cultura são eliminadas e a experiência humana é então tomada como modelo para o Universo. Na filosofia dos processos existe uma infinidade de pequenos “eus” que humanizam a Natureza e na *Ecologia Profunda* aparece um “Eu” que acaba por abarcar todo o Universo em seu processo de integração. Assim, pretendo salientar que nem todas as substituições da visão Cartesiana fragmentada, reducionista, mecanicista e antropocêntrica por posturas holistas estão isentas de problemas éticos, políticos e epistemológicos. Esperamos com isso contribuir para uma melhor compreensão do conceito de holismo nos trabalhos em Educação Ambiental e Ética Ambiental.

Como conclusão apresento a filosofia hermenêutica como uma possibilidade para sairmos dos impasses acima expostos. A hermenêutica da compreensão “é uma operação essencialmente referencial; compreendemos algo quando o comparamos com algo que já conhecemos. Aquilo que compreendemos agrupa-se em unidades sistemáticas, ou círculos compostos de partes. O círculo como um todo define a parte individual, e as partes em conjunto formam o círculo” (Palmer, s/d). A regra básica da hermenêutica é que tudo deve ser entendido a partir do individual, e o individual desde o todo. Gadamer (2001) observa que “à antecipação, que envolve o todo, se faz compreensão explícita, quando as partes, que se definem a partir do todo, definem por sua vez esse todo” (p.141). O uso da hermenêutica na análise de questões ambientais

tem se revelado profícuo nos trabalhos de Flickinger (1994a, 1994b), Grün (2002) e Carvalho (2002). Através da hermenêutica poderemos verificar quais das abordagens holistas mantêm uma relação entre o todo e as partes que permita algumas distinções entre Natureza e Cultura e, portanto, propicie também a alteridade da Natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. *What is ecological literacy? Guide to ecoliteracy*. Berkeley, The Elmwood Institute, 1993.

_____. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2000.

DESCARTES. *Discurso do Método*. Brasília: UnB, 1998.

_____. *Meditações in Descartes (Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DOBSON, Andrew. *Green Political Thought*. London: Unwin Hyman, 1990.

FLICKINGER, Hans-Georg. “O ambiente epistemológico da educação ambiental”. *Educação & Realidade no.2*, Porto Alegre, jul./dez. 1994, vol. 19.

FLICKINGER, Hans-Georg & NEUSER, Wolfgang. *Teoria da auto-organização: as raízes da interpretação construtivista do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FOX, Warwick. *Toward a Transpersonal Ecology*. Boston: Shambhala Press, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Metodo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

_____. *Sobre o círculo da compreensão* In: ALMEIDA, C.L.S. et al. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans- Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPCURS, 2001.

GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. 6^a ed. Campinas: Papirus, 2002.

MERCHANT, Carolyn. *The Death of Nature: women, Ecology and the Scientific Revolution*. New York: Harpercollins, 1990.

NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

OELSCHLAEGER, Max. *The Idea of Wilderness*. New Haven: Yale University Press, 1991.

PALMER, Clare. Identity, Community and the Natural Environment: Some Perspectives from Process Thinking. *Worldviews: Environment, Culture, Religion* no.3. Cambridge, 1998, vol.2.

SESSIONS, George (ed.) *Deep Ecology for the 21st Century: Readings on the Philosophy and Practice of the New Environmentalism*. Boston: Shambhala, 1995.

UNGER, Nancy Mangabeira. *O Encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.

_____. *Fundamentos Filosóficos do pensamento Ecológico*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

WHITEHEAD, Alfred North. *Process and Reality: The Corrected Edition*. New York: The Free Press, 1978.

Rua João Manoel, 1621 – Centro – CEP 95270-000 – Flores da Cunha/RS
Instituição Financiadora: FAPERGS